

RESENHA DO LIVRO**LETRAMENTOS, MÍDIAS, LINGUAGENS***BOOK REVIEW**LITERACIES, MEDIA, LANGUAGES**Nádsen Santos¹**Wilton Santos²*

ROJO, R. H. R; MOURA, E. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

A temática letramentos tem sido discutida desde meados dos anos 80 quando o conceito de alfabetização e alfabetismo passa a dividir espaço e a contrastar com o de letramento (ROJO; MOURA, 2019) tanto nos saberes que circulavam no meio acadêmico, quanto no ensino de língua portuguesa, sobretudo, nos anos iniciais do ensino fundamental.

A obra *Letramentos, Mídias, Linguagens* publicada em 2019 por Rojo, professora livre-docente do Departamento de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem –IEL, da UNICAMP, Doutora e Mestre em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas (PUC-SP). Como também por Moura, professor Doutor em Linguística Aplicada (UNICAMP), bacharel em Arte e Cultura Fotográfica, licenciado em Letras, atua na formação docente inicial e continuada, com foco nos multi e novos letramentos. A obra está dividida em seis capítulos: *Letramentos; Mídias; A imagem*

¹ nadson.araujo@gmail.com. Universidade Federal de Alagoas

² wiltonpetrus@yahoo.com.br. Universidade Federal de Alagoas

estática; A imagem dinâmica; O som; e O verbo. Os capítulos um e dois compõem a parte introdutória da obra, base para as discussões dos demais capítulos que formam a segunda parte.

No primeiro capítulo, os autores discutem letramentos nas perspectivas da escrita e do impresso, dos multiletramentos e dos novos letramentos. Iniciam a discussão provocando uma reflexão de como os letramentos se ampliam e se modificam, tornando-se em multiletramentos, novos letramentos ou letramentos hipermidiáticos, destacando também os inúmeros modificadores e adjetivos que agregados ao termo letramento tentam contemplar as mudanças contemporâneas do texto. Rojo e Moura tecem fundamentação teórica sobre a temática, ponderando os conceitos de alfabetização e letramento, para isso, apoiam-se em Paulo Freire (1974, 2000), Soares (2003), Mary Kato (1986), dentre outros teóricos da linguagem, bem como apresentam um recorte sócio-histórico dos processos de alfabetização e letramento no Brasil e no mundo. Ainda destacam a utilização da palavra inglesa *literacy* utilizada por Kato (1986) em seu livro “No mundo da escrita” buscando recobrir os usos e práticas sociais de linguagem. O referido capítulo é finalizado com a descrição das características dos multi e novos letramentos, estes últimos, permeados pelas tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) que utilizam geralmente a internet e requerem novas formas de conhecimento, pois são: múltiplos, multimodais e multifacetados, exigindo dos sujeitos saberes específicos da cultura digital, por exemplo, usar aplicativos *online* e acessar links hipertextuais.

No segundo capítulo, os autores discorrem sobre a mídia como meio de comunicação, mídia e modo, mídias, multimídia, hipermídia, metamídia e sobre um mundo transmídia. Rojo e Moura iniciam a referida seção explicando de forma etimológica o termo mídia (do latim *media*) que chegou até nós por meio da língua inglesa “*media*”. No entanto, de maneira geral, mídia é designada como sendo o conjunto de meios de comunicação social de massa ou digitais e as empresas de comunicação, como as emissoras de TV e rádio. Fundamentados em Santaella (2003) apresentam as seis eras culturais das mídias apresentadas pelo mesmo, são: A cultura do oral; A cultura da escrita; A cultura do impresso; A cultura de massas; A cultura das mídias; e A *cibercultura* ou cultura digital. Os autores realizaram esta discussão para fundamentar que a mídia e linguagem possuem representatividade significativa nas

mudanças que ocorrem nas culturas, e que a mídia (especificamente) é o que caracteriza a passagem da cultura da escrita e do impresso para a *cibercultura*. O capítulo dois se encerra defendendo a concepção de que vivemos na atualidade em um mundo transmídia, com campos sociais diversos em que as diferentes mídias e linguagens podem se unir para criar novos discursos.

No terceiro capítulo, Rojo e Moura dialogam sobre o conceito de imagem estática: arquitetônicas e sistemas semióticos tipológicos e topológicos. Discorrem também sobre os três paradigmas da imagem estática: pré-fotográfico, fotográfico e pós-fotográfico. Promovendo primeiramente uma discussão a despeito dos paradigmas pré-fotográfico a fotografia: a imagem *ex machina*. Em seguida, inicia-se o diálogo a respeito dos paradigmas fotográfico ao pós-fotográfico: do tratamento digital das imagens. O diálogo foi estabelecido através de aportes teóricos que os autores buscaram no Círculo de Bakhtin e seus comentadores tais como: Bakhtin (2002, 2003, 2008); Medvédev (2012); Volochíniov (1926, 2008); Faraco (2011); e em outros aportes teóricos semióticos como os de Santaella, segue: Santaella e Noth (2014); Santaella (2001, 2003, 2007, 2013) e Lemke (2010, 2012) que não possuíam relação com o círculo.

Ainda no terceiro capítulo é estabelecida a discussão do tratamento das imagens, figuras, pinturas, ponderando reflexões sobre alguns movimentos: do divisionismo ao abstracionismo, cubismo, figurativismo, impressionismo e expressionismo. Rojo e Moura afirmam que na maior parte da história da fotografia disponível na literatura poucos são os trabalhos que a discute como signo, como linguagem, e mais ínfimo ainda é o número de trabalhos que a discutem como arte, ao invés disso, a maioria destes trabalhos discutem os aprimoramentos técnicos da fotografia. Os autores encerram a seção com o subitem denominado de Fazendo o Gênero: Photoshop, renderização e a estética IA.

No quarto capítulo, os autores abordam sobre a imagem dinâmica discorrendo sobre os três paradigmas da mesma, são eles: pré-cinematográfico, cinematográfico, pós-cinematográfico. Partindo destes pontos, Rojo e Moura comentam as questões do pré-cinematográfico ao cinema: entre o espetáculo e a montagem; do cinematográfico ao pós-cinematográfico: a metamídia. Em todo o capítulo é construída uma discussão teórica que contempla: teorias do cinema, as produções em vídeo, e imagens. Logo

defendem a ideia de que somos instigados a formular estratégias apoiadas em novas práticas de letramento (como os *remix*, legendagem, redublagem) para participar de comunidades e redes sociais. Dentre os teóricos visitados neste capítulo, podemos destacar: Machado (2011); Dubois (2004); Bordwell (2013); Dancyger (2011); Metz (2014); Amiel (2001); Navas (2012); Horwatt (2012); Jenkins (2012); García-Canclini (2008); Coppa (2008). O capítulo é encerrado com uma discussão sobre gênero (FANS e OTAKU), entre a cultura de fãs e a cultura otaku.

No quinto capítulo os autores apresentam os paradigmas do som: modal, tonal e pós-tonal (ou serial). Após apresentar os paradigmas, Rojo e Moura provocam uma reflexão: do modal para o tonal, perdendo o ritmo? Discorre também sobre o pós-tonal, o serial ou a música eletroacústica. Essa discussão é realizada em diálogo com Wisnik (2007); Bakhtin (2002); Santaella e Noth (2014). Nesse capítulo, surge a reflexão sobre a música e sobre o som, e como as culturas juvenis nos modos de interação entre mídias e linguagens assumem um papel significativo na vida dos jovens e das pessoas em geral, defendem que hoje, a música e a estética do *samplim*, podem integrar currículos mais facilmente que no passado.

No sexto e último capítulo, os autores discutem sobre o “verbo”, explanando a respeito dos três paradigmas do texto: pré-tipográfico, tipográfico e pós-tipográfico. Do pré-tipográfico à tipografia: a escrita e o impresso; O texto pós-tipográfico: hipertexto, hipermídia, metamídia. E para essa discussão, há o embasamento nos teóricos já mencionados anteriormente, como também dialogaram com Vigotsky (1984) e Chartier (1994). A proposta do último capítulo, segundo os autores, é abordar a linguagem verbal nos mesmos termos em que foram abordadas as imagens estáticas e em movimento e a música. Rojo e Moura defendem que toda essa revolução tecnológica implica em mudanças nas formas e na organização dos objetos, sua circulação, uso e apreciação nas práticas sociais que lhes envolvem. Parafraseando Chartier (1994) os autores comentam que hoje podemos executar múltiplas operações sobre o texto que lemos, tais como: indexá-lo, acrescentar comentários, copiá-lo, deslocá-lo, dentre outras operações, sobretudo, àquelas permeadas por tecnologias digitais como os *links* e *hyperlinks*, essa característica é responsável por gerar o hipertexto. O capítulo se encerra com uma abordagem do gênero “reportagem hipermidiática”.

Estamos todos conectados, não é isso? A obra *Letramentos, Mídias, Linguagem* realiza uma discussão substancialmente fundamentada de todo o processo de mutação sócio histórica no que se refere a linguagem e as práticas sociais, demonstrando que através da história, a imagem, o som e o texto vêm se adequando às culturas e às práticas dos sujeitos atendendo assim as demandas sociais. Entendemos que a obra cumpriu seu objetivo de mostrar que os letramentos se ampliam e se modificam.

Recomendamos a obra para os que queiram se aprofundar nos estudos de linguagem e educação, multiletramentos, novos letramentos e culturas digitais. Por se tratar de um livro inédito, a sua leitura se torna essencial para aqueles que se desejam aprofundar e ou avançar em estudos da linguagem, sobretudo, da linguística aplicada ao ensino de línguas.